

NOMADISMO COMO POTÊNCIA DE SONHAR: O NÔMADE E SUA MÁQUINA DE GUERRA

Dhemersson Warly Santos Costa
dhemerson-santos@hotmail.com
httplattes autor

RESUMO

A máquina de guerra é uma invenção nômade, uma forma de escapar do sistema de dominação estatal, um ato político de resistência, lutas travadas em meio ao deserto da vida para não se deixar aprisionar pelos grandes grupos populacionais e suas teias políticas centralizadoras, que visam somente à unidade. O nômade resiste, habita o meio, transita fora dos muros da cidade, de um ponto a outro, tornando o espaço um campo de intensidades, fluxos e matérias pré-formadas. É no movimento que reside à resistência nômade, abalando as estruturas do aparelho de Estado e seus modos de organização. O conceito de máquina de guerra será tomado como um movimento de resistência, criação e invenção, um agenciamento para o ato de sonhar em meio ao século XXI, dominado pela ciência e suas tecnologias que prescrevem uma série de técnicas, normas, leis e diretrizes que normatizam um modo único de habitar o mundo, uma sexualidade binariamente desejada, um corpo ideal, uma identidade monolítica e um pensamento verdadeiro que engendram toda a potência de experimentação do corpo e da vida humana e a possibilidade de sonhar nesse cenário instrumentalizado.

Palavras-chave: máquina de guerra; nômade; sonhar.

O presente ensaio pretende ponderar uma leitura acerca do conceito de máquina de guerra, criado pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari, e sua potência revolucionária de resistir às universalizações imposta pelo Estado e sua ciência régia, criar linhas de fugas inventivas, fabular mundos-outros e, quem sabe, sonhar em meio ao século XXI. A intenção não é delimitar uma fórmula, um método ou um caminho a ser rigorosamente seguido, com suas regras, leis e prescrições universais, mas, sobretudo, destacar como estes conceitos podem ressoar possíveis abalos na vida e no pensamento, um portal capaz de levar o sujeito a navegar por mares nunca antes navegados, sonhos mundos-outros nunca antes sonhados.

A máquina de guerra é um conceito criado pelos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari, inaugurado na obra *Mil Platôs* (volume cinco da edição brasileira) que em nada tem haver com o poder bélico de um Estado, com seus soldados uniformizados, suas armas e seus tanques, pois “a máquina de guerra não tem necessariamente por objeto a guerra”, pois ela surge como “objetivo segundo, suplementário ou sintético, no sentido em que está obrigada a destruir a forma-Estado e a forma-Cidade com as quais entra em choque” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 15, v.5), ela é outra coisa, “um fluxo de guerra absoluta que escoar de um pólo ofensivo a um pólo defensivo e não é marcado senão por quanta (forças materiais e psíquicas que são como que disponibilidades nominais da guerra)” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 97, v.5), é ao devir e ao dissenso que ela alude, pois ao “invés de sugerir militância através de um embate direto entre posições antagônicas, segundo aponta à primeira vista a descrição belicosa, vincula-se ao nomadismo como forma de pensar e resistir” (FORSTER, 2009, p. 17).

O plano filosófico Deleuze-Guattariano em *Mil Platôs* é reclamar uma multiplicidade que se dará a partir de uma “exterioridade da máquina de guerra ao aparelho de Estado e sua relação com a multiplicidade, com aquilo que não se deixa aprisionar” (MARQUES, 2009, p. 25). O liame existente entre a máquina de guerra e o aparelho de Estado é a do interior e exterior, em outras palavras, daquilo que ora se reduz (ou não) à soberania política do aparelho de Estado, visto que é a própria soberania quem define o Estado, ela “só reina sobre aquilo que ela é capaz de interiorizar, apropriar-se localmente” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, P. 23, v. 5).

O aparelho de Estado, para garantir sua soberania, investe todo um esforço para interiorizar territorialmente a máquina de guerra, a qual está constantemente fabulando linhas de fugas para afirmar sua exterioridade e, “Devido à capacidade em agenciar linhas de fuga e conectá-las ao exterior, a máquina de guerra sofre constantes e, às vezes, bem sucedidos ataques de captura por parte do Estado” (FORSTES, 2009, p. 22).

Nessa perspectiva, máquina de guerra é bifurcada, tendo em vista sua ligação original com a guerra, em dois pólos distintos. Em uma ponta a encontramos apropriada pelo Estado para “subordina-lhe a fins políticos e lhe dá por objeto direto a guerra”

(DELEUZE; GUARRATI, 2013, p. 23, v. 5), uma linha de destruição, lutas e embates, no qual a guerra é institucionalizada e capturada.

No outro ponto está a máquinas de guerra nômade, incansável em sua tarefa de recusar a estrutura, a hierarquia e os modelos, uma guerra sem “derramamento de sangue” que “(...) não seriam definidas de modo algum pela guerra, mas por certa maneira de ocupar, de preencher o espaço-tempo, ou de inventar novos espaçostempos” (DELEUZE, 1988, p. 212). A guerra, portanto, não é reduzida ao momento da batalha, mas, a inibição de poderes estáveis.

A exterioridade da máquina de guerra em relação ao aparelho de Estado constitui dentro da obra o primeiro axioma “A máquina de guerra é exterior ao aparelho de Estado” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 15, v.5), o qual será atestado por uma série de proposições¹. Na primeira proposição acerca da exterioridade da máquina de guerra, os autores recorrem à mitologia para caracterizar a soberania do Estado como aquilo que se deixa prender a suas duas cabeças mitológicas, a do “Rei-mágico”, (correspondente a divindade “Varuna”) e a do “Sacerdote-jurista” (se equivale a divindade “Mitra”). Ambas fazem parte do aparelho de Estado, uma dupla articulação, alternando-se, rivalizando-se e completando-se para garantir, através de leis ou ameaças, a dominação (ONETTO, 2009).

A máquina de guerra surge na figura do guerreiro Indra, opondo-se as duas cabeças mitológicas do aparelho de Estado, uma vez que as ações do guerreiro são efêmeras, ele está sempre pronto para a batalha, dispensando uma preparação prévia. Indra, guerreiro mítico, resiste à soberania do aparelho de Estado e suas duas faces mitológicas, interpondo-se entre ambas sem, entretanto, deixar-se capturar por nenhuma delas em sua “estupidez, deformidade, loucura, ilegitimidade, usurpação, pecado” (DELEUZE, GUATTARI, 2013, p. 18, v. 5), porém, sem necessariamente implicar uma terceira condição ou uma alternativa. Indra está na ordem do devir, da potência de metamorfose, circula pelas brechas, uma multiplicidade que acontece no interstício das cabeças mitológicas do Estado. É nessa perspectiva a máquina de guerra se faz exterior,

1 Proposição I: Mitologia, a epopéia, o drama e os jogos; Proposição II: etnologia; Proposição III: epistemologia; Proposição IV: noologia.

justamente porque ela, assim como Indra, não se deixa reduzir a soberania do Aparelho de Estado e suas duas cabeças mitológicas de dominação.

Deleuze e Guattari (2013) explicam que a relação entre máquina de guerra e o aparelho de Estado não pressupõe um movimento evolutivo, eis que o Estado não emana da máquina de guerra, ao passo que esta não provém dele. Deleuze e Guattari (2013) explicam que o Estado é um *Urstaat*, ele é original, surge apenas uma vez, inclusive está presente nas sociedades primitivas, o que interessa para esses autores é o próprio liame existente entre o Estado e estas sociedades que, mesmo fazendo parte dele, não lhe pertencem por natureza, estão em uma relação com o fora. O “fora” aqui colocado não se traduz a partir de um exterior, mas, sobretudo, está ligada a uma multiplicidade que o Estado não é capaz de dominar ou ser-lhe soberano (MARQUES, 2009). Um fora que pode ser tanto “máquinas mundiais” como de “mecanismos locais de bandos, margens, minorias, que continuam a afirmar os direitos das sociedades segmentárias contra os órgãos de poder do Estado” (DELEUZE, GUATTARI, 2013, p. 23, v.5).

A exterioridade da máquina de guerra em relação ao aparelho de Estado se deve, em parte, a existência de uma ciência nômade ou menor em oposição à ciência sedentária ou régia do Estado. Esta tem compromisso com o verdadeiro, uma verdade imposta universalmente, aquela, diferente da primeira, não presta serviços ao Estado, inventa, cria, é onde se afloram as paixões.

Tal exterioridade será confirmada pelas características da ciência nômade, a qual irá operar por meio de um “modelo hidráulico”, nele o que interessa é os fluxos, os devires, a heterogeneidade, opondo-se ao “modelo sólido” do aparelho de Estado, uma vez que este se preocupa em construir o idêntico, o eterno, o estável, o homogêneo. A ciência nômade irá, sem medir, distribuir-se no espaço liso, ilimitado, construído pela variação contínua de vetores, não há horizonte, fundo ou ponto central. A ciência sedentária, por outro lado, existe somente no espaço estriado, fechado, limitado pelo horizonte ao sistema métrico e dimensional, o qual é extensivo por natureza, mensurável e seus pontos de referencia são fixos, homogêneos, operado por meio da divisão do espaço abstrato, medindo-o para então habitá-lo (DELEUZE; GUATTARI, 2013).

A ciência nômade também possui um “modelo problemático” que é “afetivo e inseparável das metamorfoses, gerações e criações na própria ciência” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 26, v. 5), ao passo que a ciência de Estado “modelo teoremático” de ciência, isto é, “baseado numa racionalidade pressuposta, para a qual os problemas não passam de obstáculos a ser superado rumo ao elemento essencial” (ONETO, 2009, p. 147). Deleuze e Guattari (2013) colocam que tanto a ciência nômade quanto a ciência régia, utilizam-se de procedimentos científicos diferentes. Esta busca “reproduzir” através de modelos engessados, sem alterações. Um conjunto de normatizações metódicas, que são executadas literalmente a partir de prescrições determinadas a priori. Aquela, também concebida pelos autores como “ciência ambulante”, busca, antes de tudo, “seguir”, um movimento intensivo, descodificando-se, agitando-se diante das singularidades que escapam, não empedrando suas invenções, cujo resultado não é uma forma metódica. Portanto, essas “ciências ambulantes, itinerantes, que consistem em seguir um fluxo num campo de vetores, onde singularidades se distribuem como outros tantos acidentes (problemas).” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p 42, v. 5).

O nomadismo da ciência contenta-se em “inventar problemas”, cuja solução pressupõe a todo um conjunto de atividades coletivas, enquanto a ciência régia e sua “solução científica” têm a livre intenção de metamorfosear o problema, inserindo-o em seu aparelho teoremático e na organização do sistema de trabalho (DELEUZE; GUATTARI, 2013).

Se a máquina de guerra possui uma ciência nômade é porque ela está imbricada em um fazer e estar nômade. Ele é o inventor da máquina de guerra, criando para si outros modos de habitar no mundo, fabulando seu próprio território, vagando por trajetos indefinidos, de um ponto a outro em um espaço geográfico, agregando elementos aritméticos característicos da máquina de guerra, valendo-se de armas afetivas, eis, portanto, os três aspectos dessa máquina de guerra nômade: um aspecto “espacial-geográfico”, um aspecto “aritmético ou algébrico” e, um “aspecto afetivo”.

O modo de vida nômade dos antigos primitivos inspirou Deleuze e Guattari na criação do conceito de máquina de guerra. O nômade primitivo estava sempre em movimento, de um ponto a outro, sem deixar de ignorá-los, “ainda que os pontos

determinem trajetos, estão estritamente subordinados aos trajetos que eles determinam” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 53) ocupando um espaço aberto, sem destinos. O trajeto do nômade não é linear, ele não se deixa estratificar em um território “o trajeto está sempre entre dois pontos, mas o entre-dois tomou toda a consistência e goza de uma autonomia bem como de uma direção própria” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 53).

O movimento tracejado pelo nômade é a primeira característica da máquina de guerra, seu aspecto espacial geográfico. Ao longo do livro *Mil platôs* (volume cinco, edição brasileira), Deleuze e Guattari diferenciam o nômade do sedentário. Este compõe um modo de existência voltada para o sedentarismo, à estratificação no território é uma consequência da oferta de recursos, na vida nômade ao contrário, esses (água, alimento e etc.) só existem para serem abandonados e estão ligados ao trajeto que mobiliza a vida nômade “o ponto de água só existe para ser abandonado, e todo ponto é uma alternância e só existe e só existe como alternância” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 53).

Os caminhos percorridos entre esses o sedentário e o nômade possuem funções completamente distintas, enquanto no sedentarismo o trajeto consiste em distribuir os homens num *espaço fechado*, regulado e atribuído, o nômade distribui os homens (ou animais) num *espaço aberto*, indefinido e não comunicante, uma distribuição sem fronteiras. Enquanto o espaço do sedentário é estriado, o nômade desliza por um espaço liso, sem traços, sem muros ou fronteiras.

O espaço liso é ilimitado, construído pela variação contínua de vetores, não há horizonte, fundo ou ponto central. Ele é intensivo, informe isotópico distribuindo-se no território através de fluxos. O espaço estriado, por sua vez, é fechado, limitado pelo horizonte ao sistema métrico e dimensional. Extensivo por natureza, ele é mensurável e seus pontos de referencia são fixos, homogêneos, operado por meio da divisão do espaço abstrato.

Tais qualidades são resultantes da experiência do território, dos modos de habitá-lo e vive-lo, pois a questão que Deleuze e Guattari (2013, v.5) nos colocam não é mera oposição entre um e outro, ao contrário, estão misturados, coexistem em um mesmo movimento, um quer escapar o outro quer prender. O estriado pode ser alisado na medida

em que o espaço liso pode ser estriado, um duplo contínuo em que até mesmo o deserto pode ser organizado.

Destarte salientar que não podemos cair na armadilha de acreditar que “um” deixa de ser o que é para, então, torna-se o outro. Trata-se de um movimento de fagocitose, um ingerindo o outro, cooptando e sendo cooptado. Assim, a criação do espaço liso ou estriado estará engendrada no modo de agir nômade e sedentário. É no deserto (assim como na estepe) que o nômade tribal se distribui pelo espaço, alisando-o, ocupando-o e resistindo a toda forma de estriamento sedentário do Estado.

A máquina de guerra, portanto, é um ato político de resistência nômade, ele a inventou para escapar do sistema de dominação do aparelho de Estado e sua soberania que não cessar de impor um modelo, um pensamento verdadeiro e universal que pode ser atestado por métodos experimentais. É através da resistência que o nômade inventa seu próprio estilo vida sem se deixar interiorizar, uma paisagem para fabulação de uma “Nova Terra” não-humana, um mundo outro que se produz a partir da violência dos encontros.

Nessa perspectiva, o conceito de máquina de guerra, enquanto movimento de resistência, criação e invenção, pode ser pensado como um agenciamento para o ato de sonhar em meio ao século XXI. A ciência e suas tecnologias dominaram o ocidente moderno prescrevendo uma série de técnicas, normas, leis e diretrizes que normatizam um modo único de habitar o mundo, uma sexualidade binariamente desejada, um corpo ideal, uma identidade monolítica e um pensamento verdadeiro que engendram toda a potência de experimentação do corpo e da vida humana e a possibilidade de sonhar nesse cenário instrumentalizado.

Dessa forma, para sonhar (uma vida, uma sexualidade, um corpo ou uma história que seja), é preciso torna-se um nômade por excelência em pleno século XXI, criando máquinas de guerra, para fazer do território um deserto, alisando-o para fazer passar os devires, as intensidades, os fluxos, as multiplicidades, os sonhos... Não se trata de retornar as semióticas dos primitivos, mas, sobretudo, torna-se um nômade em uma sociedade de Estado, movimentando-se dentro dos seus muros sociais, criando linhas de

fugas, sonhando mundos possíveis, pois o sonho pode ser um motor produtivo humano, fabulação de uma vida.

O ato de sonhar requer do nômade um exercício de movimento constante, que não está necessariamente ligado aos fluxos físicos do corpo de ir e vir entre cidades, estados, bairros, pois é possível se movimentar no pensamento. O nômade é um desterritorializador por excelência, até se fixa no território, mas somente para extrair daquele espaço as experimentações do corpo, as cores, os sons, os devires, os sonhos de existir e de torna-se outro, mas, logo partem para outras experiências, outros espaços, outros mundos, outros sonhos possíveis de ser sonhado.

O nômade, inventor, criador, resistente, fabulador, sonhador não se fixa em identidades, gêneros, modelos, prescrições ou corpos, a potência da sua máquina de guerra está no liame com os encontros com outro, com a arte, com a literatura, com o pensamento... arrastando-o para novas experimentações, sem, contudo estratificar nesse espaço confortável, mas extraindo o que de mais potente aquele encontro pode ofertar, para então retornar o percurso, pois é no caminho que nômade faz sua morada.

Assim, considera-se a que a criação de máquina de guerra nômade, através dos seus atos de resistência que não se deixam amarrar em regimes de verdades, seus movimentos experimentativos e inventivos, deve ser um exercício necessário para sonhar em meio ao século XXI. Um desafio complexo, desconfortável, uma viagem... Uma paisagem aberta para a experimentação do sonho, que não tem uma receita pronta, um método ou uma forma. Experimente sonhar! Este é o convite desafiador deste ensaio aos seus leitores... Que cada um sonhe uma terra nova, um mundo de sensações e perceptíveis, uma história, uma corpo, uma sexualidade... Que cada um sonhe aquilo que consiga suportar. Sem conclusões intencionais, o convite é para tornar-se um nômade e fabricar suas próprias máquinas de guerra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs-vol. 5**. Editora 34, 2013.

FORSTER, G. Desterritorialização do " eu" em contos de Caio Fernando Abreu. **revista de letras**, p. 91-108, 2009.

MARQUES, D. Literatura como máquina de guerra. **Letras**, n. 38, p. 23-32, 2009.

ONETO, P. G. Domenech. A Nomadologia de Deleuze-Guattari. **Lugar Comum (UFRJ)**, v. 1, p. 147-161, 2008.

SOBRE O AUTOR/ A AUTORA:

Possui graduação em licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Pará (2016) campus de Altamira-PA. Atuou como bolsista no programa de iniciação a docência PIBID (2012-2014). Foi bolsista do projeto de extensão EDUCABIO (2014-2015). Têm experiência na área de Ensino de Ciências, Currículo e Formação inicial de professores de Ciências Biológicas. Atualmente é mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências e Matemáticas pela Universidade Federal do Pará.